

# AS MULHERES QUILOMBOLAS DE TIJUAÇU-BA: VIVÊNCIAS COTIDIANAS, TRABALHO E ENFRENTAMENTOS

CARMÉLIA APARECIDA SILVA MIRANDA\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar o papel desempenhado pelas mulheres da comunidade quilombola de Tijuaçu (BA), conhecendo de que forma estas mulheres têm conquistado e ocupado determinados espaços. Nessa perspectiva, utilizamos como fonte principal a história oral e a análise de alguns documentos.

**Palavras-chave:** Mulheres quilombolas; Trabalho; Vivências cotidianas.

## *WOMEN OF QUILOMBOLAS TIJUAÇU-BA: EXPERIENCES DAILY, WORK AND CONFRONTATIONS*

**Abstract:** *The objective of this paper is to analyze the role played by women in Maroon community Tijuaçu (BA), knowing how these women have conquered and occupied certain areas. In this perspective, we use as the primary source oral history and the analysis of some documents for the construction of this article.*

*Key-words: Women Maroons; Work; Daily experiences.*

### **Introdução**

Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.

Cora Coralina<sup>1</sup>

Com a citação de Cora Coralina inicio este artigo, afirmando que as mulheres tijuaçuenses, em sua labuta diária, têm enfrentado caminhos pedregosos, mas encarando com muita decisão seu cotidiano recheado de trabalho e vontade de vencer e, apesar dessas pedras no caminho, muitas flores foram e são colhidas. Nessa perspectiva, as mulheres quilombolas

---

\* Pós-Doutoramento em História na Universidade de Lisboa (UL-PT). Professora Titular na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bolsista da CAPES, Processo n. 3131-13-0. E-mail: <carmelia15@hotmail.com>.

<sup>1</sup> Cora Coralina Mundo das Imagens. Disponível em: <http://mundodasimagens.com/imagem-550>. Acesso em 14 jan. 2015.

de Tijuacu não se deixam vencer pela luta do dia a dia, encaram as dificuldades com força e coragem.

Os enfrentamentos das mulheres quilombolas de Tijuacu<sup>2</sup> aparecem em diferentes dimensões e este artigo tem como objetivo discutir sobre os papéis desempenhados por essas mulheres, suas vivências e desafios diários. A referida comunidade está localizada no município de Senhor do Bonfim (BA).<sup>3</sup> A participação feminina se faz presente em diferentes setores da comunidade como na organização dos eventos da Igreja Católica (novena e procissão em homenagem a São Benedito, batizados e casamentos), nas manifestações culturais (Samba de Lata, Dança do Parentesco, Dança do Corta Cana) e nas questões políticas, como a participação na Associação Quilombola.

Ao falar de suas vivências cotidianas, estas mulheres trazem trajetórias de vida, histórias anônimas e evidenciam experiências compartilhadas. Nesse exercício de rememoração as lembranças são ressignificadas, assim, a história oral aparece como protagonista, dando voz a estas gigantes dos saberes populares. Através da história oral, a memória se mostra sobre diferentes aspectos, pois o narrador busca nas suas lembranças episódios vivenciados. Estas narrativas, por sua vez, são narrativas de identidade, pois o narrador "mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade".<sup>4</sup> Então, "a dependência da memória, em vez de outros textos, é o que define e diferencia a história oral em relação a outros ramos da História".<sup>5</sup>

### ***Enfrentamentos e desafios***

Sobreviver, nas duras condições do dia-a-dia, parecia tarefa insana, que se realizava através de contatos mágicos e com intervenções sobrenaturais. Opunham-se metáforas da fome e imagens de luta pela sobrevivência nas

---

<sup>2</sup> Tijuacu foi reconhecida como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares, em 28 de fevereiro de 2000 e em 25 de julho de 2014 foi publicado no Diário Oficial da União o reconhecimento do Território Quilombola pelo Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Esta publicação significa que a área de 8,4 mil hectares, onde vivem 828 famílias, é um território quilombola. Com este reconhecimento, o Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas do Incra/BA inicia a elaboração do kit decreto, que reúne as documentações necessárias, para que a área de Tijuacu possa ser decretada como de interesse social pela Presidência da República. Com o decreto presidencial, o Instituto poderá iniciar o processo de arrecadação das terras públicas e obtenção de imóveis rurais e posses inseridos no perímetro. São 39 propriedades particulares e 37 posseiros. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/noticias>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

<sup>3</sup> Este artigo é resultado da pesquisa de campo realizadas entre os anos de 1998 a 2006, na comunidade negra rural de Tijuacu – BA. Dessa pesquisa resultaram alguns artigos publicados e um livro *Vestígios Recuperados: Experiências da Comunidade Negra Rural de Tijuacu-BA*. São Paulo: Annablume, 2009. Aqui apresento algumas discussões que não foram contempladas no livro.

<sup>4</sup> SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *MÉTIS: História & Cultura* – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

<sup>5</sup> ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. *História da Educação/ASPHE*, Pelotas: Ed. da UFPel, n. 8, p. 140-174, 2000.

figuras das velhas senhoras mandonas: o seu vulto esquelético, pescando no rio de águas vazias; como assombrações, em caminhos ermos, debruçadas sobre os feixes de lenha, que faziam e desfaziam, num encantamento compulsivo e fatal; velhinhos que tiravam água do poço com uma corda arrebitada.<sup>6</sup>

A citação de Bosi é concernente com as experiências cotidianas das mulheres residentes em Tijuáçu, que, para sobreviver enfrentam uma luta diária, desempenhando tarefas domésticas e profissionais. Ocupam diferentes espaços, na ânsia pela sua sobrevivência e da sua família.

Em diferentes lugares e épocas, vários estudos têm apontado a mulher em distintos papéis, sejam os inerentes à “natureza feminina” – como a maternidade –, ou determinados pelo momento histórico, econômico, político e social. A reconstrução dos papéis sociais femininos, como mediações que possibilitem a sua integração na globalidade das experiências históricas do seu tempo, parece um modo promissor de lutar contra o plano dos mitos, normas e estereótipos. O seu modo peculiar de inserção no processo social pode ser captado por meio da reconstrução global das relações sociais como um todo.<sup>7</sup>

Nas últimas décadas, a historiografia tem favorecido uma história social das mulheres, que tem possibilitado diferentes pesquisas nesse campo. Segundo Dias<sup>8</sup>, novas abordagens e métodos adequados libertam aos poucos os historiadores de preconceitos atávicos e abrem espaço para uma história microsocial do cotidiano.

Em Tijuáçu, os caminhos trilhados por mulheres que viveram e outras que vivem no referido território têm marcado a história, a memória, a identidade e o cotidiano dessa comunidade negra rural. As experiências vivenciadas e a luta que estas têm travado pela sua sobrevivência e dos seus familiares mostram a força e a coragem para enfrentar as dificuldades cotidianas. A figura feminina sempre se fez presente desde os primeiros momentos do território, quando Mariinha Rodrigues<sup>9</sup> desbravou as matas de Tijuáçu, criando perspectivas de sobrevivência, fazendo desse espaço a sua paragem e criando laços familiares e de solidariedade.

---

<sup>6</sup> BOSI, Ecléa. Prefácio. In: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 8. A referida obra discute sobre a reconstrução dos papéis sociais femininos, como mediações que possibilitem a sua integração na globalidade do processo histórico de seu tempo. Parece um modo promissor de lutar contra o plano dos mitos, normas e estereótipos. O seu modo peculiar de inserção no processo social pode ser captado por meio da reconstrução global das relações sociais como um todo.

<sup>7</sup> DIAS, op. cit., 1995, p. 13.

<sup>8</sup> DIAS, op. cit., 1995, p. 14.

<sup>9</sup> Segundo os moradores de Tijuáçu, Mariinha Rodrigues é considerada a fundadora do território, mulher desbravadora e estrategista, uma escrava fugida do Recôncavo Baiano no início do século XIX. Cf. MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. *Vestígios Recuperados: Experiências da Comunidade Negra Rural de Tijuáçu*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 36.

Nessa tradição feminina, no labirinto da memória, as mulheres vão aparecendo e deixando suas marcas, constituindo o principal foco como personagens das tramas locais. As narrativas orais tem possibilitado conhecer a trajetória de uma comunidade que teve suas origens marcadas pela compleição de um matriarcado, em contraponto ao patriarcado da tradição. Estas mulheres são atuantes, ocupando diferentes espaços dentro da comunidade. A questão da obediência a figura masculina como acontece nas sociedades patriarcais, inexistente em Tijuacu, homens e mulheres estão empenhados na luta por dias melhores, trabalhando e ocupando diferentes funções: políticas, sociais, econômicas e religiosas. Nessa luta diária, as mulheres ficam visíveis, destacando-se em setores como a educação, a religião, as manifestações culturais, a gestão pública e política, e no comércio, conquistando um espaço expressivo e consolidando-o cada vez mais. Espaço conquistado tendo como lastro o trabalho e a luta pela sobrevivência.

Na comunidade quilombola de Tijuacu temos a oralidade como foco principal. É através desta que os ensinamentos são passados. Desde muito pequenos, as crianças aprendem com os mais velhos as relações de trabalho e as regras de comportamento. Assim, os mais velhos passam para os mais novos seus ensinamentos, que aprenderam, por sua vez, com seus pais e seus avós. Esta constitui a dinâmica da aprendizagem dentro da comunidade negra rural de Tijuacu. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”<sup>10</sup>.

Nessa dinamicidade as mulheres tijuacuenses ocupam diferentes funções, assim elas percorrem direções que passam da cozinha à rua; da roça à igreja; de mãe a provedora do lar, fundadora da comunidade, como Mariinha Rodrigues. A partir dessa representação feminina, outras moradoras vão se destacando nas atividades religiosas, inclusive assumindo papéis de liderança, a exemplo de Detinha,<sup>11</sup> que organiza as atividades da Igreja Católica, principalmente nos preparativos da Festa de São Benedito; Ica dos Santos, líder da comunidade, atualmente vice-presidente da Associação dos Quilombolas e Adjacências de Tijuacu; Dalva, líder da comunidade da Fazenda Alto<sup>12</sup>; Anísia, exímia contadora de histórias, que relatou com perspicácia a trajetória da comunidade; Marinalva Santos da Silva (mais conhecida como Dinha), percussionista do Samba de Lata<sup>13</sup>; Genoveva, a iniciadora, já

---

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 198.

<sup>11</sup> Detinha é líder da Igreja Católica. Sob sua responsabilidade está a organização dos cultos católicos e eventos que acontecem nesta, como o coral e a procissão.

<sup>12</sup> Povoado próximo a Tijuacu onde, segundo a memória social, tudo começou. Nessa localidade, residiu Mariinha Rodrigues e teve início os primeiros batuques, que posteriormente resultaram no Samba de Lata.

<sup>13</sup> Modalidade de samba tradicional que toma o seu nome do emprego desse utensílio – a lata de zinco – como instrumento de percussão.

falecida, e Joana, sua filha, sambista que encanta a todos com seus passos leves e graciosos. Esses papéis trazem no seu bojo resquícios da cultura africana. De acordo com a ordem familiar matrilinear, embora matizada conforme a região, entregava-se a casa da família ao controle total da mulher, o que explica a predominância dessas mulheres em Tijuáçu.

As dificuldades enfrentadas tornam-se evidentes quando elas percebem que suas reivindicações não são atendidas ou quando as oportunidades de emprego, de qualidade de vida são barradas pela falta de instrução oficial. Experientes da negação dos seus direitos de cidadãs, elas respondem através da mobilização e organização da Associação Quilombola, buscando o respeito e o cumprimento dos seus direitos.

Após o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, estas mulheres passaram a ter mais visibilidade, fortalecendo, dessa forma suas funções dentro do território quilombola. E assim, o processo de reconhecimento foi visto pelas mulheres como positivo, possibilitando a decolagem da auto-estima e a construção da identidade, e assim algumas mulheres narraram esse momento:

Ah! Ah! Eu acho muito bom ser remanescente de quilombo. Depois que a gente descobriu, que o Valmir descobriu, eu acho que modificou muito a vida da gente aqui. Mudou, Ave Maria, 100%. Porque a gente era muito excluída. Eu mesmo já fui muito excluída.

Ah! Nós agora já sabe conversar. Que aqui antigamente tinha gente que não conversava. Se tiver uma reunião, a gente ia pra reunião só ouvir, não podia dar opinião, porque se nós assim, eu vou conversar a colega dizia não levanta não que tu não sabe conversar. Aí agora aqui, a gente ficava como comandado, se a gente se levantava alguém dizia assim. Oh! É passado assim. Não espera aí, é depois, deixa fulano conversar primeiro. Eram outras pessoas, porque eles diziam que a gente não sabia e aquilo ia passando, e hoje não, a gente hoje vai pra uma reunião, a gente sai, a gente pode conversar. Alguém quer falar, a gente já se levanta. Qualquer pessoa se levanta e pergunta. Mas se tivesse uma reunião era reunião de branco, se era reunião aqui, mas era branco, preto se ficasse olhando, tinha que olhar de longe. Ai! acho que nós, que hoje nós somos mais homenageado que, hoje a gente, até na radia, na radia Carafba. [...] <sup>14</sup>

Outras vozes também se levantaram e concordaram com Nira dos Santos sobre o benefício que o reconhecimento trouxe à população. Após o reconhecimento, alguns depoentes pontuam que houve uma mudança de comportamento também por parte dos habitantes de Senhor do Bonfim em relação à população de Tijuáçu. Houve uma diminuição

---

<sup>14</sup> SANTOS, Nira. Nira dos Santos. depoimento [dez. 2004]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuáçu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuáçu-BA, 2004. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuáçu - BA.

do preconceito. O que significa para população ser afro-descendente?

Afro-descendente significa pra mim uma coisa muito importante, porque a gente, eu mesmo não sabia que era afro, e agora estamos sabendo, e por isso que é uma coisa muito importante pra mim.

Com o reconhecimento mudou muita coisa em Tijuacu. O pessoal não usava muita trança aqui, que disse que trança era coisa de gente tabaréu<sup>15</sup>, e hoje já usa, então mudou 100%, em tudo por tudo.

Hoje, o povo de Bonfim nos recebe muito bem. Como eu terminei de falar mesmo nesse instante né? A gente chega lá, por exemplo, a gente chega na loja né, eles já vão receber a gente cá na frente, atende super bem. Antigamente não, antigamente, eu mesma fui uma das pessoas, que teve uma vez, que eu cheguei na loja, procurei saber o tecido que eu ia comprar, quanto era, o moço fez de conta que eu nem existia, de jeito nenhum. Hoje, eu chego, já vou logo sendo atendida.<sup>16</sup>

A postura de certos moradores de Senhor do Bonfim deixava alguns habitantes de Tijuacu indignados. Várias foram às situações que demonstravam atitudes preconceituosas. Entretanto, a afirmação de sua identidade cultural possibilitou a conquista de um espaço, uma vez que esta é uma construção de coisa comum que se afirma perante algo, é um fenômeno em mudança, não é um conceito estático. Essa percepção enquanto afro-descendente estava adormecida e escondida atrás do preconceito e do racismo sentido por esses moradores de Tijuacu. A identidade tornou-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Para Hall<sup>17</sup>, a identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos sem unificá-las ao redor de um “eu” coerente. Dentro de cada um há, identidades contraditórias, empurrando para diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. À medida que os sistemas de significação e representação cultural multiplicavam-se, haverá confrontos por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderiam identificar-se – ao menos temporariamente.

A identidade desses afro-brasileiros residentes em Tijuacu foi construída a partir da

---

<sup>15</sup> O mesmo que matuto, caipira.

<sup>16</sup> SANTOS, Ilca. Ilca dos Santos. depoimento [ago. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2004. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

<sup>17</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 35.

diferença. Para Souza<sup>18</sup>, através das identificações históricas e culturais, funda-se o conceito de etnia, que abarca os que supõe ter uma ascendência comum, base da identidade do grupo e de sua distinção com relação à sociedade abrangente.

Ademais, a identidade étnica é construída não pelas diferenças em si, mas pela tomada de consciência delas, que ganham significados ao se inserirem em sistemas sociais. Ao tomar conhecimento dessas diferenças, a população une-se em prol da sua cultura e, evidentemente, de sua identidade. A etnicidade serve, portanto, para pensar um novo tipo de sociedade, na qual convivem grupos de variadas origens que se pautam por diferenciadas instituições sociais.

Dando prosseguimento a organização do espaço em que vivem, essas mulheres vêm a escola e a educação como possibilidades de mudanças, mesmo algumas sendo analfabetas, pois não tiveram oportunidade de frequentar a escola, pois foram privadas da cultura letrada. Encaram a vida com otimismo, organizando o espaço em que vivem, batalhando para que as coisas funcionem. Assim, Dalva conta sobre sua luta para organizar a comunidade do Alto Bonito:

Nesses 58 anos de vida, posso dizer que eu ensinei esses meninos, ensinei os cunhados a ler. Naquela época, há 50 anos atrás, eu saí da escola no 2º ano primário, mas não é essa leitura de agora. Eu sabia muito há 50 anos atrás. Esta luz quem puxou fui eu. Menina, eu já estou bem cansada e já tenho muito filho. Eu pedi ao prefeito pra vim fazer um predinho aqui, pra vê se aqui fica mais organizado. Pedi ao Cândido (prefeito da época), ele prometeu e não veio; pedi ao Zé Leite (prefeito posterior, hoje já falecido), ele fez a coleta minha, tomou meus dados, sei que ele me prometeu e fez.<sup>19</sup>

Dalva narra com perspicácia sua luta em benefício do povoado. Mesmo com os seus poucos anos de frequência à escola, conseguiu passar o pouco que aprendeu para sua família e tem conhecimento da relevância do mundo letrado, o que justifica sua luta pela construção da escola,<sup>20</sup> já edificada num terreno doado pela sua família e que funciona nos três turnos. Outra luta liderada por Dalva foi a construção de um tanque para armazenar água, cuja construção realizou-se no segundo semestre de 2002, com o objetivo de servir à população. Até então, as pessoas eram obrigadas a andar longas distâncias para buscar água. A energia chegou à comunidade também no segundo semestre de 2002. Dalva luta para trazer para a Fazenda Alto as benesses dos diferentes setores da sociedade. A instalação do tanque para a comunidade,

---

<sup>18</sup> SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 141-142.

<sup>19</sup> SANTANA, Dalva Odilon. Dalva Odilon Santana: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuáçu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuáçu-BA, 2002. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuáçu - BA.

<sup>20</sup> A Escola Municipal do Alto Bonito, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, em 2004, contava com 63 alunos e três professores, funcionando nos três turnos, da 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental I.

por exemplo, Dalva conseguiu através da Igreja Católica, mediante o interesse de um padre, sensibilizado com a realidade da população.

Nessa perspectiva, de ida e volta à busca de lembranças, os depoentes destrincham sua história e narram episódios do passado e do presente, permitindo perceber as tramas da memória que é:

Historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é, progressivamente, alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem, estampadas, as paixões dominantes em seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual.<sup>21</sup>

Entretanto, ao considerar a memória como transição, ela muda de acordo com o tempo, demonstrando o momento e as experiências dos sujeitos sociais. Os habitantes de Tijuacu não estão imunes a esta transitoriedade quando relatam algumas de suas experiências passadas e comparam como são percebidas hoje. Aos poucos, essa memória vai escavando o passado e deixa transparecer aqui e “acolá” sutis cores de um tempo não presente. As experiências vivenciadas vão se diversificando de geração a geração, atendendo às necessidades vigentes.

Assim, a oralidade tende a representar a realidade: como um tabuleiro em que todos os pedaços são diferentes, mas que, depois de reunidos, formam um todo coerente - a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido.<sup>22</sup> Em última análise, essa também é uma representação da sociedade, conforme é experimentada.<sup>23</sup> Assim, os depoentes narram suas experiências cotidianas:

A metade desse povo mais velho está aposentado, mas as coisa continua ruim mesmo. Essa metade desse povo que tem menos de 50 anos está sofrendo um bando que eu tô vendo por aqui. Coitadinhos! Pegam aqui licuri<sup>24</sup>, maracujá e se intoca lá por Bonfim pra vender, pedir por lá. Sei quando chega de tarde tomando seus pingos de água (risos).<sup>25</sup>

Narrando essas vivências cotidianas, D. Dalva fala sobre as dificuldades diárias, dizendo: "Ó minha irmã, eu tenho muita vivência, criei meus (fio) filho graças a Deus. Esse povo que já foram os mais véio (velhos) daqui tudo me ajudaram a criar os meus fio (filhos).

<sup>21</sup> SAMUEL, Raphael. Teatros da Memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 41-81, 1997.

<sup>22</sup> MIRANDA, op. cit., 2009, p. 74.

<sup>23</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-47, 1997.

<sup>24</sup> Planta típica da região.

<sup>25</sup> SANTANA, Dalva Odilon. Dalva Odilon Santana: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2002. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.



Eu costurava muito, costurei 20 anos. Esse povo me ajudaram muito".<sup>26</sup> Todavia, o olhar de Dalva volta-se sobre o ontem e as relações que eram travadas na comunidade: de solidariedade, compadrio e ajuda mútua, tão comum nas comunidades rurais. Ela fala como mãe, como trabalhadora e como líder do povoado. O vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência.<sup>27</sup>

Essas novas experiências históricas abrem espaço para uma história microssocial e dão oportunidade de reconstruir vidas e profissões até então descartadas pela documentação oficial e pelo olhar do historiador. Incorporar à história tensões sociais de cada dia implica a reconstrução da organização de sobrevivência de grupos marginalizados do poder e, às vezes, do próprio processo produtivo.<sup>28</sup>

Na relação entre história e memória há significados entre as experiências do passado e as vivências do presente. As lembranças constituem a mola mestra na construção de uma história através da oralidade, dando sentido às experiências. Amado, fazendo uma discussão sobre a relação entre memória e história, comenta:

História e memória, entretanto, mantêm tantas relações entre si, que é até difícil pensá-las separadamente: "recordar é viver", como ensinava o antigo samba. A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo. Esta, por sua vez, permite-nos compreender e combinar, de muitos modos, as fases em que dividimos o tempo, possibilitando-nos, por exemplo, perceber o passado diante de nós.<sup>29</sup>

Na luta cotidiana em prol da sobrevivência, as mulheres de Tijuáçu, em sua maioria, dirigem-se à cidade de Senhor do Bonfim para vender sua colheita e o artesanato. São quase anônimas no espaço da cidade, espalham seus produtos pelas calçadas e esquinas, esperando quem os comprem, assim, improvisam a própria sobrevivência. A improvisação, no seu dia a dia, envolvia e envolve uma contínua troca de informações, bate-papos e toda uma rede de conhecimentos e favores pessoais, proteção, compadrio, concubinato, que intercede por elas e

---

<sup>26</sup> SANTANA, Dalva Odilon. Dalva Odilon Santana: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuáçu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuáçu-BA, 2002. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuáçu - BA.

<sup>27</sup> AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História oral. *História: Revista da Unesp*, Assis, v. 14, p. 125-136, 1995.

<sup>28</sup> DIAS, op. cit., 1995, p. 15.

<sup>29</sup> AMADO, op. cit., 1995, p. 132.

que elas sabem avivar e pôr em uso. “As mulheres trabalham na roça, vendem frutas, milho assado e artesanatos, trabalham em casa de família. Onde tiver trabalho elas estão enfrentando, a fim de ganhar um dinheirinho, e poder garantir o sustento de sua família”.<sup>30</sup>

Essas mulheres não são refratárias ao trabalho, enfrentam-no com muita coragem para poder garantir a sobrevivência de suas famílias. Quando há chuva, vão para roça, plantam, colhem e vendem na feira livre de Senhor do Bonfim ou nas esquinas da cidade. Quando a chuva não vem, fazem artesanato ou trabalham como domésticas ou outro tipo de trabalho que possibilite ganhar algum dinheiro.

Já se configura como tradição na feira de Senhor do Bonfim a venda de produtos oriundos das pequenas roças de Tijuacu e povoados vizinhos. Na roça, trabalham mulheres, homens e toda a família:

Quando aquele ano dar você tem, e aquele ano quando não dar você não tem, né? E assim, a gente vai vender alguma coisa da roça lá no Bonfim. Vender o imbu, vender o maxixe, vender melancia, vender cajá, vender o pau de rato<sup>31</sup>. Tudo a gente faz isso aí.<sup>32</sup>

Há uma variedade de produtos oriundos da roça que são vendidos no município de Senhor do Bonfim. O comércio desses produtos remonta aos primeiros momentos de Tijuacu, como uma forma de aquisição do rendimento familiar, e assim o é até hoje. É através dessas vendas que os moradores e as moradoras de Tijuacu conseguem o necessário para subsistência da família. Homens e mulheres disputam o mercado de vendas, negociando tudo o que conseguem retirar de suas roças, de frutas a folhas medicinais. Apesar do significado econômico da feira, não podemos ignorar a sua importância na vida cultural desses vendedores e vendedoras.<sup>33</sup> É nesse espaço que várias experiências são vivenciadas. A feira é o ponto de encontro, de venda, de diversão, de troca, de namoro e de lazer, construindo assim, um espaço de sociabilidades.

A tradição de venda de produtos é uma herança do tempo da escravidão. Vários

---

<sup>30</sup> SILVA, Valdelice da. Valdelice da Silva: depoimento [nov. 2001]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2001. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

<sup>31</sup> Planta medicinal que, segundo a sabedoria popular, serve para curar dores intestinais.

<sup>32</sup> SILVA, Valdelice da. Valdelice da Silva: depoimento [nov. 2001]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2001. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

<sup>33</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 294. O referido autor esclarece que o significado econômico da feira típica do século XVIII parece ainda ser grande: os arrendamentos anuais, as feiras de gado e de cavalos, a venda de produtos variados. Não podemos ignorar a sua importância na vida cultural dos pobres.

autores<sup>34</sup> têm discutido sobre os escravos de ganhos e os produtos que vendiam nas ruas das cidades da América portuguesa. As novas tendências da historiografia sobre a escravidão têm apontado para a observação das várias práticas que nutriam a vida cotidiana dos escravos: o cultivo das roças de subsistência, as trocas e comercialização de objetos e gêneros necessários à vida, a produção independente de artefatos, o conserto de moradias e a preparação dos alimentos como pontos referenciais de extrema importância para a sobrevivência, que se insinuava em padrões diferenciados, delimitados pelo regime de trabalho escravo: uma outra forma de organização, um outro conceito e ritmo e, sobretudo, uma orientação diversa.

Para os escravos, viabilizar a existência diária significava, da mesma forma, dinamizar relações sociais que complementavam, nos termos da sobrevivência material, sua vida cultural. Para além da relação básica da sociedade – senhores e escravos – uma outra dimensão social desenvolvia-se, produzindo uma rede de conexões associativas veiculadas por laços afetivos, cadeias hierárquicas e relações de vizinhança e de parentesco.<sup>35</sup>

Segundo Gomes,<sup>36</sup> poucas são as fontes disponíveis a respeito das atividades econômicas das comunidades de fugitivos no Brasil. Mesmo considerando os grandes mocambos dos séculos XVII e XVIII, as informações sobre a economia apontam, tão somente, para uma agricultura de subsistência acompanhada pelo extrativismo, caça e pesca abundante. Sabe-se, contudo, que muitos quilombos produziam, também, excedentes – a maior parte agrícolas – em pequena escala, favorecendo trocas mercantis. Em muitos casos, a “rapinagem”, por meio de saques e roubos, podia funcionar como complemento das atividades econômicas.

Em Tijuáçu, a economia é caracterizada pela agricultura de subsistência. O excedente é vendido na feira da sede do município, como já foi assinalado. As famílias possuem suas próprias roças e nesses terrenos elas plantam e colhem os seus produtos, principalmente milho, feijão, mandioca e frutas. Cada membro da família possui um pequeno lote de terra. Esses terrenos geralmente não possuem registros. A garantia de posse provém da oralidade da ocupação e do cultivo do mesmo.

---

<sup>34</sup> Sobre escravos de ganho em Salvador, cf. MATTOS, Wilson Roberto de. *Negros contra a ordem: resistências e práticas negras de territorialização no espaço da exclusão social – Salvador/BA (1850-1888)*. 2000. 230 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC, São Paulo, 2000; REIS, João José. A greve negra de 1857 na Bahia. *Revista USP*, São Paulo, USP, n. 18, p. 8-29, 1993; MATTOSO, Kátia Maria de Queirós. *Bahia – Século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 538.

<sup>35</sup> WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinhas: escravos e forros em São Paulo (1850-1880)*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 28-29.

<sup>36</sup> GOMES, Flávio dos Santos. “Quilombos do Rio de Janeiro no século XIX.” In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 275.

A gente vende vários produtos em Bonfim. A gente vende aquele saco de feijão na base, debulha, pois não compramos debulhado. Vende feijão seco, abóbora, melancia, maxixe. E a mandioca a gente faz a farinha. A gente pega aquele saco, aquela caixa de mandioca e quando acaba vende, faz a farinha. Quando dá para vender a gente vende, quando sobra pouco a gente fica pra comer.<sup>37</sup>

Essas mulheres trabalhadoras, espalham seus produtos no centro de Senhor do Bonfim, onde seu espaço é delimitado. Algumas vendem acarajé na Praça José Gonçalves; outras vendem milho assado pelo centro de Senhor do Bonfim; outras ainda só vêm aos sábados, vender frutas e artesanato de palha. Preferem os locais mais movimentados da cidade, onde podem oferecer aos estudantes, aposentados e ao povo em geral suas iguarias.

No Brasil do século XIX, como discute Wissenbach<sup>38</sup> e Reis<sup>39</sup>, o espaço das ruas estabelecia o esteio dos relacionamentos sociais experimentados pelos trabalhadores negros, constituindo a principal dimensão de sua interação com os demais grupos da sociedade e com o poder político da cidade, numa escala de proximidade bastante intensa. Assim, no cenário citadino, a visibilidade dos mesmos grupos, particularmente a do escravo, comprova o desfrutar da liberdade de ir e vir. A existência de margens amplas de sociabilidade delineia também uma série de contrapartidas às quais, nessas circunstâncias, estavam sujeitos. Senhores das ruas, escravos e libertos enfrentavam a atuação das rondas e das sentinelas dos chafarizes, conviviam com a intervenção dos agentes da ordem pública em suas questões internas, como também eram facilmente identificados pelos testemunhos de seus delitos.

A rua constitui o espaço do trabalho e do “ganha pão”, onde as relações mercantis são concretizadas. Nesses espaços são instalados elos e códigos de convivência. Estas vendedoras chegam pela manhã, carregadas de cestos com milho, massa de acarajé e outros utensílios e distribuem pelo centro da cidade, próximo aos bancos e ao comércio. À tarde, juntam o que sobrou e retornam a Tijuacu. Esse vaivém marca a dura luta travada por homens e mulheres que batalham não só pela sobrevivência individual como também familiar. Percorrem o espaço da cidade, que contrasta com o espaço de Tijuacu – ruas sem calçamento e saneamento básico; casas pequenas, algumas com chão batido, com pouco ou nenhum conforto. Roceiras e vendedoras perambulam continuamente sob as vistas das autoridades locais e sobrevivem da venda dos seus produtos. Segundo Maria Vítor, “Tem muita coisa que a gente planta e vende,

---

<sup>37</sup> VITOR, Maria. Maria Vítor: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2002. 1 cassette sonoro. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

<sup>38</sup> WISSENBACH, op. cit., 1998, p. 187.

<sup>39</sup> REIS, op. cit., 1993, p. 25.

é gergelim, é milho, é fruta, é verdura, a gente planta depois colhe e vai vender em Bonfim”.<sup>40</sup>

Mott<sup>41</sup> chama a atenção sobre o comércio no período colonial, afirmando que o comércio urbano ambulante, a varejo, de alimentos e pequenos objetos era de domínio feminino e negro. Impedia-se que homens comercializassem com “doces, bolos, alféloa, frutos, melão, hortaliças, queijos, leite, marisco, alho, pomada, polvilhos, hóstias, obréias, mexas, agulhas, alfinetes, fatos velhos e usados”.

Proibia-se, a exemplo do que ocorreu durante o reinado de D. José I, que “estrangeiros, vagabundos ou desconhecidos recebessem licença para venderem pelas ruas principalmente ‘toda sorte de comestíveis pelo miúdo como também vinhos e aguardentes, e muitas outras bebidas’, assim como alféloas, obréias, melão e azeitonas”.<sup>42</sup>

Outra proibição foi baixada em 29 de setembro de 1744, uma Provisão que proibia negros e negras de vender tecidos pelas ruas<sup>43</sup>. O referido documento argumentava que tal postura era útil e conveniente ao povo e principalmente ao comércio, para o mesmo não ter nenhum tipo de prejuízo. Tal procedimento tinha como objetivo principal a eliminação de qualquer tipo de concorrência aos lojistas. E é provável que esses tecidos vendidos por negros e negras tivessem um preço inferior ao dos que eram vendidos nas lojas.

A tradição de mercancia vivenciada pelas mulheres de Tijuáçu remonta um costume da época colonial: *ganhadeiras*<sup>44</sup> negras se dedicavam principalmente a mercadejar diversos gêneros secos e molhados.<sup>45</sup> “E lá iam as vendedoras de mingau, aberém, acaçá, caruru, vatapá e outras delícias. E conversavam sobre fatos da terra”.<sup>46</sup> O espaço público era ocupado por ganhadores e *ganhadeiras*, escravos libertos que disputavam esse espaço para vender seus produtos. Os senhores e senhoras de escravos ganhavam com esse comércio, pois parte do dinheiro adquirido por esses escravos era entregue ao seu senhor. As mulheres brancas, mesmo pobres, possuíam alguns escravos de ganho, que vendiam produtos pelas ruas dos povoados ou cidades da Colônia.

O comércio exercido pelas mulheres negras, livres e libertas, dava uma certa

---

<sup>40</sup> VITOR, Maria. Maria Vítor: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuáçu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuáçu-BA, 2002. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuáçu - BA.

<sup>41</sup> MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e Resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1991, p. 24.

<sup>42</sup> MOTT, op. cit., 1991, p. 25.

<sup>43</sup> Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Códice 707, fl. 80-80v.

<sup>44</sup> Ganhadores e *ganhadeiras* dividiam a soberania das ruas. Apesar de não participarem dos cantos, uma instituição masculina, as mulheres faziam parte da rede mais ampla de trabalhadores africanos urbanos. Cf. REIS, op. cit., 1993, p.25.

<sup>45</sup> REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: A História do levante dos Malês*. (1835). São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 8.

<sup>46</sup> REIS, op. cit., 1986, p. 14.

autonomia. Muitas vezes, com o dinheiro adquirido com a venda de seus quitutes, compravam alforria de seus filhos ou de algum parente. Algumas negras transformaram-se em exímias comerciantes, inseriram-se em associações de brancos e ocupavam cargos administrativos nas mesas diretoras das confrarias. Tal posição demonstrava importância social e, mesmo quando entre iguais, demonstrava ascendência no seio da comunidade<sup>47</sup>.

Algumas mulheres negras, durante o período colonial, conseguiram constituir fortuna vendendo seus produtos na rua. Amas de leite, domésticas, vendedoras, usuárias, prostitutas, ladras, parteiras, feiticeiras e mais uma gama de atividades foram desempenhadas pelas mulheres que conseguiram acumular pecúlio e usaram de artimanhas para conseguir sua liberdade.

A possibilidade de mulheres escravas adquirirem bens parece se confirmar em Tijuáçu, em relação à figura de Mariinha Rodrigues. Na memória de seus habitantes esta aparece como uma mulher que trabalhou demasiadamente e que conseguiu riquezas, deixando uma extensa terra para seus descendentes.

Nessa perspectiva do imaginário social sobre possibilidades e prosperidades de mulheres negras, Mariinha Rodrigues é um exemplo. Na memória dos moradores de Tijuáçu, Mariinha Rodrigues aparece como administradora e detentora de um certo patrimônio material. Mas não foi somente nesse aspecto que essa mulher conseguiu se sobressair. Parece ter chamado para si as responsabilidades políticas, organizacionais e econômicas da comunidade. Assim os depoentes falam sobre o espírito empreendedor de Mariinha Rodrigues:

Como naquela época aqui era só mato fechado, Mariinha Rodrigues foi uma mulher que teve muitos filhos, e cada filho ela foi colocando em diferentes espaços. Lá eles plantavam suas roças e construíram suas casas que posteriormente hoje se transformaram em povoados e vilas.<sup>48</sup>

Dizem que ela foi a primeira pessoa que veio residir aqui em Tijuáçu. Hum! Era até fazendeira, mais a casa era de paia (palha! risos). Fazendeira de gado, ela tinha gado. É, falam, também, que ela teve vários filhos, né? E que cada filho ficou com um pedaço de terra, um em Barreiras, outro no Macaco, outro no Quebra Facão. Entre estes filhos tem Astácio Rodrigues que era o avô de Dona Anísia, é o Cidão, o Joaquim Peba.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> Sobre a prosperidade de algumas mulheres forras no século XVIII, que conseguiram ascender na camada social, cf. FURTADO, Júnia Ferreira. Transitoriedade da vida, eternidade da morte. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). *Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001, p. 320.

<sup>48</sup> SANTOS, Valmir dos. Valmir dos Santos: depoimento [abr. 2001]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuáçu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuáçu-BA, 2001. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuáçu - BA.

<sup>49</sup> SANTOS, Bernardina dos. Bernardina dos Santos: depoimento [abr. 2000]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuáçu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuáçu-BA, 2000. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuáçu - BA.

A visibilidade política, social e econômica, conquistada por essas mulheres, mantém-se através de outras mulheres e de seus diferentes papéis. Assim, as mulheres da comunidade negra rural de Tijuáçu têm conseguido muitas conquistas, possibilitando uma melhoria da vida familiar. “São as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas, o movimento da história”.<sup>50</sup>

### *Os diversos fazeres*

O trabalho desempenhado por essas mulheres em diferentes setores tem contribuído para manter acesa a chama da fortaleza, da coragem e do enfrentamento. Elas atuam no campo político, social, religioso e econômico, incorporando mudanças na comunidade. Suas narrativas apresentam episódios do cotidiano e de suas vivências. Com astúcia de narradoras, evidenciam seus costumes, sua religiosidade e seu modo de vida. Não têm meias palavras, dúbias interpretações, falam o que realmente sentem. Assim, a narração constitui a própria vida do narrador. É através de sua fala que se toma conhecimento da sua visão de mundo, dos seus desejos, suas decepções e suas esperanças. Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata.<sup>51</sup> Toda narrativa, no entanto, possui uma dose, maior ou menor, de criação, invenção, fabulação, isto é: uma dose de ficção.<sup>52</sup>

Aqui e ali se percebe a presença dessas mulheres nesse espaço, com suas funções delimitadas pelas vivências e necessidades cotidianas.

Outra preocupação inerente às mulheres tijuáçuenses diz respeito à limpeza da casa e principalmente das panelas. Mesmo com toda história da falta de água que sempre acompanhou o distrito, a população sempre esteve atenta à limpeza de suas casas e principalmente em arear os seus alumínio. É costume entre as donas de casa de Tijuáçu capricharem no brilho de suas panelas e de outros utensílios. É um orgulho verem seus alumínio brilhando como um espelho e expostos no quintal ou na porta de casa para secar. Antigamente desempenhavam esse trabalho com produtos de limpeza da região, esfregavam as panelas com areia fina e bucha vegetal (encontradas na região). Hoje, elas aream seus alumínio com sabão e esponja de aço comprado nos supermercados. A questão do arear as panelas é muito comum em outras regiões do Brasil, principalmente entre as populações mais

<sup>50</sup> PERROT, Michele. *Os excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra, 1988, p. 187.

<sup>51</sup> BENJAMIN, op. cit., 1987, p. 205.

<sup>52</sup> AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 35.

pobres. O alumínio brilhando constitui um prazer e também sinônimo de asseio e limpeza. É costume reservar um dia da semana para executar o referido trabalho.

Essas mulheres são construtoras da história de sua comunidade. Em seus diferentes papéis, consolidaram um viver recheado de trabalho, lazer, devoção e solidariedade. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem significado à própria experiência e à própria identidade constitui por si mesmo o argumento, o fim em si. Essas personagens, na sua dinamicidade simplificada, trazem para a população o despertar de um viver mais digno, buscando caminhos para atender a população nas suas necessidades básicas. Nessa perspectiva, essas mulheres conquistaram diferentes espaços e são reconhecidas pela luta em prol da comunidade. As “funções femininas” por elas engendradas vão se alargando, dando continuidade ao que foi iniciado por Marinha Rodrigues.

Na encruzilhada de suas funções elas inventam e reinventam, improvisam para dar conta das tarefas do dia a dia. Plantam, capinam, colhem, cortam com o machado, usam a enxada, mas também cozinham, lavam e passam. Faz parte também de suas tarefas gerar, parir, cuidar e alimentar os filhos. Atividades que se acumulam ultrapassando as barreiras da noção de “leves”, ganhando uma densa complexidade, mas possível para essas mulheres, que na labuta do cotidiano, na luta pela sobrevivência tornam-se fortes e independentes.<sup>53</sup>

Na arte da sobrevivência, uma das alternativas utilizada é o tradicional trabalho nos pequenos roçados – uma herança dos primeiros moradores que foi passando de geração a geração. Esses afrodescendentes plantam principalmente milho, feijão, melancia, maxixe, batata-doce, abóbora, umbu, feijão de corda, andu, mandioca, mamona e palma. A palma é cultivada para ser vendida aos fazendeiros, que a utilizam como ração para o gado na época da estiagem. A produção é feita em pequena escala e tem dois destinos: uma parte atende suas necessidades de subsistência e outra parte é vendida na feira de Senhor do Bonfim e no próprio território. São produzidas frutas como caju, manga, banana, pinha, maracujá, cajá, siriguela, entre outras. A agricultura de subsistência é predominante, até porque as condições financeiras não permitem uma produção em grande escala.

Outra forma de sobrevivência são as atividades externas realizadas nas fazendas vizinhas: trabalho sazonal, contratados permanentes, diaristas. A instabilidade econômica a que estão sujeitos os habitantes de Tijuacu direciona muitas famílias e jovens a emigrarem para outras cidades e regiões com esperança de melhores dias. Outra fonte de renda é a

---

<sup>53</sup> PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Nas Veredas da Sobrevivência: Memória, Gênero e Símbolos de poder feminino em Povoados Amazônicos de Antigos Quilombolas*. 1999. 220 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC, São Paulo, 1999, p. 118.



aposentadoria recebida pelos mais velhos.

As propriedades rurais são constituídas por pequenas roças que possuem construções de palhas e taipa e, raramente, uma casa de farinha. Outras apenas possuem um terreno sem nenhum tipo de construção e somente a terra para plantar. A maioria dos proprietários desses pequenos lotes reside no distrito de Tijuaçu ou em povoados próximos e deslocam-se até a roça para plantar ou colher seus produtos. Geralmente essas roças estão bem próximas de suas residências. Mulheres e crianças, além de homens, trabalham na roça. Na época da plantação e da colheita, todos se dedicam a essa atividade.

Como foi mencionado anteriormente, outra atividade desenvolvida por algumas mulheres de Tijuaçu é a venda de acarajé (iguaria de origem africana). Segundo a depoente Luzia Rodrigues<sup>54</sup> (uma das primeiras vendedoras dessa iguaria), o acarajé chegou em Tijuaçu através de D. Celina. Uma cunhada desta senhora, vinda de Salvador, que ensinou a fazer o acarajé. D. Celina aprendeu a fazer a referida iguaria e passou a comercializar esse alimento juntamente com D. Arlinda (todas nascidas em Tijuaçu) em Senhor do Bonfim. Posteriormente, D. Arlinda ensinou a D. Luzia. Esta convidou sua irmã Vanda para trabalhar com ela e, assim, outras pessoas da comunidade foram aprendendo e ensinando, passando esse aprendizado de geração a geração. Muitas famílias residentes em Tijuaçu vivem da venda de acarajé.

### **Conclusão**

Os papéis exercidos pelas mulheres tijuaçuenses mostraram como essas representam o principal foco como personagens no território de Tijuaçu. O patriarcado ainda permanece, haja vista que o presidente da Associação Quilombola é homem. As mulheres, nas brechas da sobrevivência, têm se constituído sujeito histórico. A luta dessas representantes femininas, aos poucos, tem dividido a sociedade machista, patriarcal e androcêntrica. As mulheres passaram a ter visibilidade. O homem não se esvai do seu papel como chefe de família, como trabalhador, mas as mulheres conquistaram um espaço expressivo, o qual tem se consolidado com o passar do tempo. Mariinha é apenas a primeira entre outras mulheres que têm se destacado nessa comunidade negra rural.

Assim, as mulheres tornaram-se chefes de casas, cuidando tanto da criação dos filhos e netos como da manutenção de sua família, mediante as feitura das roças de mandioca e,

---

<sup>54</sup> RODRIGUES, Luzia. Luzia Rodrigues: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuaçu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuaçu-BA, 2002. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuaçu - BA.

posteriormente, da venda da farinha e demais atividades econômicas capazes de garantir o bem-estar de sua família. Tornam-se fortes bastantes e adquirem poderes a ponto de se transformarem em chefes de alguns povoados rurais,<sup>55</sup> como Dalva Odilon Santana, líder da Fazenda Alto Bonito e Ilca dos Santos, vice-presidente da Associação Quilombola.

## **Referências**

### *Bibliografia*

- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História oral. *História: Revista da Unesp, Assis*, v. 14, p. 125-136, 1995.
- \_\_\_\_\_; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Ecléa. Prefácio. In: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 8.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. *História da Educação/ASPHE*, Pelotas: Ed. da UFPel, n. 8, p. 140-174, 2000.
- FURTADO, Júnia Ferreira. Transitoriedade da vida, eternidade da morte. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). *Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001.
- GOMES, Flávio dos Santos. Quilombos do Rio de Janeiro no século XIX. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MATTOS, Wilson Roberto de. *Negros contra a ordem: resistências e práticas negras de territorialização no espaço da exclusão social – Salvador/BA (1850-1888)*. 2000. 230 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC, São Paulo, 2000.
- MATTOSO, Kátia Maria de Queirós. *Bahia – Século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

---

<sup>55</sup> PINTO, op. cit., 1999, p. 213.

- MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. *Vestígios Recuperados: Experiências da Comunidade Negra Rural de Tijuáçu*. São Paulo: Annablume, 2009.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e Resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1991.
- PERROT, Michele. *Os excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Nas Veredas da Sobrevivência: Memória, Gênero e Símbolos de poder feminino em Povoados Amazônicos de Antigos Quilombolas*. 1999. 220 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC, São Paulo, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-47, 1997.
- REIS, João José. A greve negra de 1857 na Bahia. *Revista USP*, São Paulo, USP, n. 18, p. 8-29, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Rebelião Escrava no Brasil: A História do levante dos Malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SAMUEL, Raphael. Teatros da Memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 41-81, 1997.
- SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *MÉTIS: História & Cultura* – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.
- SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1880)*. São Paulo: Hucitec, 1998.

### Fontes

#### Escritas

- BRASIL. *Diário Oficial da União, 25 de julho de 2014*. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/noticias>>. Acesso em: 26 jul. 2014.
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Códice 707, fl. 80-80v.
- Cora Coralina Mundo das Imagens. Disponível em: <http://mundodasimagens.com/imagem-550>. Acesso em 14 jan. 2015.

#### Orais

*Cordis*. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 109-128, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

RODRIGUES, Luzia. Luzia Rodrigues: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2002. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

SANTANA, Dalva Odilon. Dalva Odilon Santana: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2002. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

SANTOS, Bernardina dos. Bernardina dos Santos: depoimento [abr. 2000]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2000. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

SANTOS, Ilca. Ilca dos Santos. depoimento [ago. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2004. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

SANTOS, Nira. Nira dos Santos. depoimento [dez. 2004]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2004. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

SANTOS, Valmir dos. Valmir dos Santos: depoimento [abr. 2001]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2001. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

SILVA, Valdelice da. Valdelice da Silva: depoimento [nov. 2001]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2001. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

VITOR, Maria. Maria Vítor: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Carmélia Aparecida Silva Miranda. Tijuacu - Senhor do Bonfim, Associação Quilombola de Tijuacu-BA, 2002. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Projeto História e Memória da Comunidade Quilombola de Tijuacu - BA.

**Recebido em 22 de setembro de 2014; aprovado em 10 de fevereiro de 2015.**